



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA MAIZA LEAL OLIVEIRA

O DESENHO NA ESCOLA: MOTIVANDO A CRIATIVIDADE INFANTIL

CAMPINA GRANDE - PB

OUTUBRO/2016

MARIA MAIZA LEAL OLIVEIRA

O DESENHO NA ESCOLA: MOTIVANDO A CRIATIVIDADE INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a uma exigência para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

CAMPINA GRANDE - PB

OUTUBRO/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Maria Maiza Leal
O desenho na escola [manuscrito] : motivando a criatividade infantil / Maria Maiza Leal Oliveira. - 2016.
25 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo,
Departamento de Educação".

1. Educação infantil 2. Desenho - Linguagem 3.
Criatividade 4. Prática pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 372

MARIA MAIZA LEAL OLIVEIRA

O DESENHO NA ESCOLA: MOTIVANDO A CRIATIVIDADE INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a uma exigência para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Aprovado em 28 / 10 / 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo - UEPB

Orientadora

Maria do Socorro Montenegro

Profa. Dra. Maria do Socorro Montenegro - UEPB

Examinadora

Soraya Maria Barros de A. Brandão

Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão - UEPB

Examinadora

CAMPINA GRANDE - PB

OUTUBRO/2016

Sumário

O DESENHO NA ESCOLA: MOTIVANDO A CRIATIVIDADE INFANTIL	4
RESUMO.....	4
1. INTRODUÇÃO.....	4
2. O DESENHO E SEU DESENVOLVIMENTO PELA CRIANÇA	6
2.1 A Evolução do Desenho.....	9
3. A LINGUAGEM DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	11
4. DADOS COLETADOS ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	14
4.1 Desenhos prontos para colorir: o que foi observado na pré-escola	15
4.2 Situações da prática pedagógica para exploração do desenho espontâneo: nossa interação com as crianças	16
4.3 O projeto centopeia: uma experiência de exploração do desenho por crianças da turma observada	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
ABSTRACT	23
6. REFERÊNCIAS.....	24

O DESENHO NA ESCOLA: MOTIVANDO A CRIATIVIDADE INFANTIL

Maria Maiza Leal Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o desenho da criança enquanto linguagem que estimula a criatividade. Nessa discussão, nosso olhar é direcionado para práticas pedagógicas numa pré-escola, na Educação Infantil, enquanto espaço que deve favorecer o uso autônomo e criativo dessa linguagem. O desenho, além de representar sua linguagem gráfica da criança, representa, para esta, uma forma de comunicação e elaboração de pensamento através de suas criações tematizadas por suas experiências em contextos sociais diversos. A prática na escola, quando relacionada ao uso da própria capacidade da criança em fazer suas próprias criações, passa muito longe do que imaginamos. Tal inquietação nos motivou o desenvolvimento deste estudo. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo de estudo de caso, realizado a partir das minhas próprias observações, na condição de professora auxiliar em uma turma da pré-escola, bem como de observações a desenhos realizados pelas crianças desta referida. Tais observações se constituíram objetos de coleta de dados e de análises. O campo de pesquisa foi uma instituição de rede privada de ensino, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Os sujeitos envolvidos, crianças de 4 e 5 anos de idade e duas professoras. Buscamos respaldos em estudos realizados por Greig (2004), Ludke (1986), Melo, Brandão e Mota (2009) e Seber (1995), dentre outros. O estudo evidencia que o desenho possibilita a aquisição da linguagem gráfica, bem como o desenvolvimento do pensamento infantil, fatos, que por si só, já justificariam um trabalho que contemplasse as várias facetas da temática. Por fim, concluímos o quão importante o desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem a criação e a imaginação da criança, onde, no caso do trabalho com o desenho as atividades que lhes são propostas não se limitam a ilustração para colorir. É importante o uso de diversas técnicas que motivem a criatividade infantil, de forma espontânea e lúdica.

Palavras-chave: Desenho. Criatividade. Criança. Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto aborda a importância do desenho espontâneo produzido pela criança, a partir do momento em que ela começa a ter o primeiro contato com o mundo que a rodeia nos seus primeiros anos de sua vida. Desde o momento em que começa a interagir com o seu espaço e tem o

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campina Grande - PB. E-mail: maizaleal321@gmail.com

primeiro contato com o papel e lápis, a criança inicia a produção dos seus próprios desenhos reproduzindo seu pensamento. No entanto, muitas vezes, não é valorizado pelos professores, provavelmente acaba sendo passado despercebido em atividades que ao invés de explorar a criatividade da criança, prioriza os desenhos que já vem prontos nas atividades com apenas a intenção da criança colorir, acreditando que essa atividade irá ter alguma contribuição pedagógica para a criança.

A partir do momento em que a criança começa a criar suas produções gráficas expressando seu pensamento e seu sentimento, seus desenhos começam a criar formas que para os adultos, não passa de meros rabiscos. Depois de algum tempo, quando a criança tem por volta de 3 anos e meio de idade, suas produções vão ganhando formatos de círculos que para uma criança que ainda não tem coordenação motora totalmente desenvolvida, suas criações gráficas vão sendo exploradas a partir do momento em que ela rabisca tudo em sua volta atribuindo significados. Seus desenhos vão se aperfeiçoando uma vez que, essa prática de incentivar que a criança é capaz de desenhar e estimular sua criatividade vai muito antes da criança ir à escola, e sim dos próprios pais irem oferecendo papel e lápis em casa.

Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo discutir o desenho da criança enquanto linguagem que estimula a criatividade, observando o que ocorre em práticas pedagógicas, numa turma da pré-escola, por considerarmos que a Educação Infantil é o espaço que deve favorecer o uso autônomo e criativo dessa, e de outras linguagens. Diante disso, uma questão nos inquieta: Por que professores trabalham com desenhos padronizados e não exploram a criatividade das crianças em suas produções? Esse questionamento será discutido no decorrer deste estudo.

No percurso metodológico caracterizamos o estudo como de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, baseado na observação do no próprio fazer docente. Segundo Ludke e André (1986, p. 27), é um instrumento “usado como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”.

Ainda segundo os mesmos autores, (usando esse tipo de metodologia) o “observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como

auxiliares no processo de compreensão do fenômeno estudado” (LUDKE e ANDRÉ 1986, p. 27). Nessa compreensão, optamos por usar para estudo a nossa vivência como auxiliar de sala de aula, em uma instituição de Educação Infantil na rede privada de ensino, localizada na cidade de Campina Grande-PB junto com a turma da pré-escola, com crianças de 4 anos de idade.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: discorreremos sobre o desenho e seu desenvolvimento pela criança, que aborda como a criança vai se apropriando desta linguagem gráfica, ao tempo em que ela se apropria do mundo que a cerca, e que expressa seu pensamento e sentimentos. Neste mesmo item, trataremos das formas gráficas de evolução do desenho a partir do momento em que deixa de fazer seus rabiscos e passa para as garatujas. Em seguida, falo da linguagem gráfica na prática pedagógica da Educação Infantil, destacando essa linguagem na formação da personalidade da criança, e observando seu uso como forma de instigar e incentivar cada vez mais a criatividade da criança.

Por fim, esperamos que o presente estudo promova debate junto a profissionais que atuam com a Educação Infantil, no sentido de se observar e rever práticas de uso do desempenho pela criança.

2. O DESENHO E SEU DESENVOLVIMENTO PELA CRIANÇA

O primeiro passo da escrita gráfica pela criança começa quando menos esperamos e é o momento mais aguardado pela família. A partir do momento em que ela começa a interagir com o espaço que a cerca e com o ambiente que a rodeia, ela começa a expressar tudo o que sente por sons de animais, por gestos e até mesmo quando se tem o contato com o lápis e papel, pelo desenho como representação do pensamento. Apesar de não ter uma coordenação motora totalmente desenvolvida, a criança começa explorando o que encontra ao seu redor e a seu alcance fazendo rabiscos nas paredes atribuindo-lhes significados que eles mesmos identificam e que os próprios pais estranham sem aceitar a condição da criança.

Até 3 anos de idade, a criança ainda não tem uma eficiente habilidade motora para manusear o lápis e produzir desenhos propriamente circulares. Greig (2004, p.21) esclarece que “a integração completa do olhar com os movimentos da mão e dos dedos conduz ao “duplo controle”, que se refere ao mesmo tempo ao ponto de partida e ao ponto de chegada, permitindo a realização do “círculo”. Por volta dos 3 anos, portanto, ela precisa de tempo para poder começar a dar representações ao que vê de maneira mais clara, com traços sublimes ao invés de figuras-girinos como diz Philippe Greig.

Cada fase do desenho representa, para a criança, o momento primitivo em que ela faz suas representações para tudo em movimentos circulares e com traçados, dando-lhes formas de girino e só depois de algum tempo, esses desenhos passam a ter cabeça e corpo. Por exemplo, a escrita da criança perpassa por diversas transformações até chegar, de fato, na escrita alfabética, da mesma forma, o desenho também passará por transformações.

Há muito tempo, os primitivos se comunicavam com os outros através de desenhos representativos como uma forma de fácil interação com o outro mesmo sem ter uma linguagem igual à que temos hoje, e além do mais, o desenho passou a ser exposto nas paredes das cavernas como forma de registrar tudo o que aconteceu antes da nossa existência naquele tempo. Com as crianças não é diferente, o registro de suas expressões emocionais também é feito por intermédio do desenho.

A criança demonstra sentimentos e experiências por meio de desenhos, deixando à mostra sua inteligência particular do mundo que a rodeia. Quando a criança passa a realizar movimentos circulares e movimentos alternados nos seus rabiscos, ela está se apoderando de seus traços precocemente, e isso contém em si um significado encantador, tanto para a ela quanto para quem o aprecia. Ela começa a formar sua personalidade numa ocasião que beneficia a sua capacidade criadora, sua liberdade e o prazer na prática do raciocínio como forma de expandir sua sensibilidade emocional.

O ato de desenhar não é algo que já nasce pronto na criança. O desenho é uma construção socialmente espontânea, não é algo impossível de instruir-se a fazê-lo. É claro que a criatividade tem que ser estimulada, tanto pelos pais em casa oferecendo sempre folhas e lápis, quanto por professores desde a

Educação Infantil. O desenho é uma linguagem que pode instigar a criança criar e a produzir suas próprias obras de arte.

Segundo Silva et al Pereira, Ferreira (2004, p. 111, cap. 11):

[...] é sabido que o desenho reflete as interações sociais em que a criança está inserida, isto é, as instruções, as informações, as opiniões e as preferências que são dadas a ela. Sendo assim, a criança não desenha sozinha. Sua produção não é separada do meio do qual está inserida, ao contrário, constrói-se a partir da sua vivência com o outro. Nesse caso, o processo de criação é resultado de vários fatores, sejam sociais ou culturais, e essas produções são cheias de histórias de vida.

Vale lembrar que o desenho aqui pensado tem o papel de valorizar a criança como um ser pensante ao expor sua criatividade de maneira espontânea e não como um entretenimento sem significação para ela. Inicialmente, a criança representará seus desenhos com rabiscos circulares simultâneos preenchendo toda a folha ultrapassando as margens. Esses rabiscos são chamados de garatujas² que está dividida em três fases: garatujas desordenadas, garatujas ordenadas e garatujas nomeadas. a) garatujas desordenadas (1 ano e 9 meses) incide em desenhos amplos e aleatórios: nessa fase a criança não tem clareza do que está fazendo, ultrapassa os limites da folha, a coordenação motora não está desenvolvida suficientemente para controlar o lápis fazendo então, movimentos variados; b) garatujas ordenadas (2 anos e meio) a partir daí a criança começa a ter controle do tamanho do desenho no papel, ela começa a evidenciar o cuidado no que está fazendo; e c) garatujas nomeadas (3 anos e 11 meses) a criança começa a dizer o que vai desenhar, dando formas e nomes às figuras quando se desenham pessoas e animais. É nessa fase que a criança começa a dar intenção ao seu desenho, o pautando-o como algo concreto e não mais imaginário, relacionando verbalmente o que viu com o que foi desenhado (SILVA et al PEREIRA, FERREIRA, 2004, P 113, 114).

De antemão, podemos observar que, as crianças de até 2 anos de idade mesmo sem ter uma coordenação motora desenvolvida, consegue ser capaz de criar seus próprios desenhos através de seus primeiros rabiscos na folha de papel, na parede de sua casa, etc. E tudo o que lhe é dado enquanto forma de

² Desenho rudimentar, mal feito, normalmente sem forma e ilegível.

instigar a sua criatividade, sempre o levará a produzir cada vez mais, e com isso, haverá um aprimoramento de suas habilidades criativas, do seu desejo e do ato que é aperfeiçoado nos primeiros anos de sua vida. Sabendo-se que o desenho é uma habilidade sociocultural aprendida, na qual a criança não nasce conhecendo o desenhar, também se pensa que não há aquele que não posso aprender a desenhar. Sendo assim, vale salientar que precisamos ter cuidado para não apreciarmos o desenho como uma mera reprodução ou etapas de desenvolvimento da criança.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCN (BRASIL, 2013, p.86):

O período de vida atendido pela Educação Infantil caracteriza-se por marcantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfinteriano, a formação da imaginação e da capacidade de fazer de conta e de representar usando diferentes linguagens. Embora nessas aquisições a dimensão orgânica da criança se faça presente, suas capacidades para discriminar cores, memorizar poemas, representar uma paisagem através de um desenho, consolar uma criança que chora etc., não são constituições universais biologicamente determinadas e esperando o momento de amadurecer. Elas são histórica e culturalmente produzidas nas relações que estabelecem com o mundo material e social mediadas por parceiros mais experientes.

Assim, a influência mútua de interação com outras crianças e adultos favorece no estímulo de confronto com gestos, linguagens, pensamento e formas de agir a partir do momento em que ela começa a participar de atividades que compare a capacidade da criança a ir além do que ela imagina, sua motricidade e afetividade começam a serem explorados de maneira em que estimule a criança fazer o que ela gosta espontaneamente.

2.1 A Evolução do Desenho

A evolução do desenho provoca mudanças significativas nos rabiscos iniciais que chamamos de garatuja, evoluindo para as devidas produções cada vez mais sistemáticas, trazendo com isso, a origem dos primeiros marcos do desenho da criança. Geralmente, isso acontece quando a criança começa a desenhar diversas coisas que a rodeia no espaço em que vive, tendo em vista

que, isso é um processo paulatino, a criança não começa suas produções desenhando igual aos adultos, pelo contrário, suas produções começam com pequenos rabiscos que ao passar do tempo irá se adaptando aos “olhos” da sociedade.

Na garatuja, a criança tem a ideia de que, seus desenhos são representações de algo concreto em suas respectivas significações quando falam do que está desenhado naquele papel. O interessante é que suas representações através de imagens, por vezes, não condizem com o que falam, e isso é uma forma de entendermos que nem sempre, as crianças, conseguem expressar o que falam no papel como forma de desenho.

O desenho está fortemente unido com a escrita da criança, pois, é através dele que a criança começa a se familiarizar com o mundo da maneira como elas o veem e o compreendem. Desde cedo, a criança tenta copiar a escrita dos adultos antes mesmo de sair da fase das garatujas para o rabisco. Suas produções vão se aperfeiçoando a partir do estímulo e do momento em que lhes é permitido de forma espontânea, fazer desenhos próprios desde cedo.

A forma de seu desenho vai ganhando contornos depois de muito tempo, antes mesmo de ir para a escola, a criança já tem uma visão de mundo muito além do que se imagina, e é a partir daí que suas produções começam a ganhar formas (corpo) e não mais traços. Nos primeiros anos de vida da criança ao se deparar com papel e lápis pela primeira vez, ela começa a fazer traços repetitivos e sem uma coordenação motora verdadeiramente desenvolvida. Seus desenhos começam a ter formas de “vaivém” ou circulares, há casos, em que a criança começa a fazer os dois ao mesmo tempo e isso só vai ganhando sentido para o adulto depois de algum tempo.

O mais importante de tudo é que o professor, sempre deve estar oferecendo uma folha para a criança que rabiscar seus primeiros traçados. Estimulando sua criatividade, a criança irá rapidamente começar a desenvolver características visíveis do que se expressa na linguagem gráfica (GREIG, 2004 p.24). Depois da fase de garatujas e rabiscos, a criança começa a simbolizar seus desenhos com figuras em forma de girino, ou seja, quando a criança começa a dá entendimento por volta dos seus 3 anos e meio de idade ela começa a desenhar o corpo das pessoas em formato de círculos e cheios de traçados dando-lhes nomes a cada um.

3. A LINGUAGEM DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Atualmente, o que vem sendo discutido sobre desenho infantil é que ele está meramente ligado à formação da personalidade da criança e de sua linguagem. Diante disso, o professor cumprirá seu papel primordialmente, por não cometer o erro de trabalhar em sala com padrões pré-estabelecidos dificultando assim, o processo de criação. Para isso, é preciso que o professor incentive as crianças a desenvolverem suas criatividade em sala de aula de forma espontânea e as auxiliem, usando e propondo diversas técnicas e materiais de aprendizagem e aprimoramento para que estas, não se sintam desmotivadas, mas autoconfiante pelo uso do potencial criativo.

Crianças em geral, gostam de desenhar. Notoriamente, observa-se esse gosto pelo desenho, quando estas se encontram na fase inicial da escolarização, ou seja, quando passam a frequentar a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Elas usam o desenho como forma de linguagem para expressar suas vontades, desejos, pensamentos, sonhos, e até mesmo o fim de semana que passou na casa da avó...entre outros momentos.

Essa demonstração de interesse pode estar relacionada com a atenção que as práticas escolares oferecem à expressão dessa linguagem pela criança. Nesse sentido, surge alguns questionamentos: Como o desenho vem sendo explorado nas práticas pedagógicas, mais especificamente na educação infantil? O que vem sendo possibilitado à criança, para que, pelo incentivo à sua imaginação, seu potencial criativo seja estimulado pelo desenho?

O professor deverá usar da sua própria capacidade de ir buscar na criança aquilo que elas são capazes de realizar, extrapolando possibilidades. O desenho da criança não pode ser considerado, ou avaliado pelo critério de perfeição, pelo contrário, a proposta é fazer com que o desenho seja algo cultivado, espontâneo, a partir da livre expressão e criatividade da criança. Para tanto Seber (1995, p. 83) explica que, os professores precisam aprender a questionar os desenhos infantis e entendê-los:

Aprender a questionar os desenhos infantis é essencial para o acompanhamento dos progressos e também para aprendermos a deixar de lado os nossos habituais critérios de valor. Em termos dos processos de aprendizagem que estamos comentando, não existe feio ou bonito, certo ou errado. Existe, isso sim, sucessivas etapas e todas igualmente importantes para a evolução desse processo. Para que cada etapa evolutiva seja devidamente apreciada e acompanhada, precisamos conhecer suas características, a fim de ajudar a criança a superá-la e atingir a próxima”.

Quando o professor manda como tarefa de casa, uma atividade na qual a criança só irá pintar, sugere, no nosso entendimento, que esta tarefa não representa uma atividade de relevante significado para essa criança. Nossa experiência docente tem demonstrado que, quando essas atividades começam a ficar muito repetitivas, como uma prática pedagógica contínua, percebemos que as crianças param de desenhar, espontaneamente, e ficam presas aos desenhos estereotipado³ (prontos e acabados). Para essas crianças, a liberdade de expressar sua criatividade através do desenho espontâneo, deixa de ser cultivada e passa a ser engessada, ou seja, estas se desmotivam dos seus próprios desenhos e deixam de se expressar por meio dessa linguagem, usada, comumente, de forma empolgante por qualquer criança, como culturalmente se observa.

Reconhecemos que, muitas vezes, essa falta de estímulo do professor para com o aluno a produzir desenhos próprios vem muito antes da sua atuação docente. Acreditamos que, a ação docente pode ser influenciada por práticas escolares, desde o início dos anos de escolarização, ainda por experiências na Educação Infantil, que talvez tenham sido marcadas pelas inexistências de espaço para a exploração do potencial criativo, através da expressão de linguagens, como a do desenho. Percebe-se, que essas lacunas ocasionam deficiências na ação do professor; tendo em vista que o mesmo não passou por um processo de escolarização que proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade na infância. E, paulatinamente, carrega essas marcas e ainda reproduz os mesmos erros que sofreu enquanto aluno em sala de aula. Isso nos serve como alerta para que não cometamos os mesmos erros em atropelar as fases de desenvolvimento da criatividade infantil.

³ Desenhos padronizados (prontos) nas atividades que leva a criança apenas a colorir sem nenhuma contribuição pedagógica.

No que diz respeito à linguagem gráfica, estamos acompanhando sua modernização nas mais variadas relações sociais, pois, com o uso das tecnologias, diversos recursos podem ser usados para estimular a criatividade das crianças, não só com o uso de papel e lápis de cor, e sim, por mecanismos disponibilizados pelos próprios aplicativos que promovem, também, uma forma de despertar nas crianças o seu interesse.

É por meio da linguagem gráfica que também estimulamos os nossos pensamentos e sentimentos. As emoções, quando a criança está colocando em prática todo seu desejo de liberdade cultivado através do desenho. Porém isso não depende somente dela, mas, de ações do professor e da família no geral. Quando a criança se relaciona com o meio a sua volta significativamente, numa roda de conversa com os colegas, ao ouvir uma música que tanto gosta, através de pequenos gestos, na leitura de um livro de historinha ou até mesmo de história em quadrinhos e consegue representar tudo isso no desenho, ela está colocando em prática sua vivência através de sua criatividade.

Para Seber (1995, p.76) “ao fornecer à criança modelos estereotipados, estamos impedindo que ela aprenda a elaborar e a valorizar suas próprias respostas em relação ao mundo que a rodeia”. Portanto, o desenho padronizado como é conhecido por muitos, não traz nenhuma contribuição pedagógica para a criança. Mesmo quando a criança arrisca em fazer seus traçados, ela não se nega em colorir um desenho estereotipado justamente porque é um padrão que algumas escolas adotam gostam de trabalhar por acharem fácil e cômodo que, de certa forma, os próprios adultos admiram mais.

Quando a criança se recusa a desenhar falando que: “Eu não sei desenhar”, certamente essa criança já ouviu de alguém que seu desenho é feio. Se o educador não souber tomar uma posição positiva com relação a fala dessa criança e de maneira cautelosa começar a instigar da mesma sua capacidade de desenhar, ela pode ali mesmo deixar de lado e não insistir, mas justamente, por haver uma barreira entre a criança e o desenho.

Assim, como qualquer outra atividade que uma criança irá fazer, sua criatividade tem que ser de maneira cultivada e espontânea desde que mediada pelo professor (a). A partir do momento em que se tem certa “resistência” por meio da criança e o professor insiste estabelecendo condições talvez como “punições”, caso o desenho não tenha sido feito com eficácia, o problema ao invés de ser resolvido iria ser agravado ainda mais. A criança se

aflige e uma barreira se cria entre sua capacidade de desenhar e o medo das outras crianças riem do seu desenho. É muito comum quando as crianças estão desenhando em sala fazerem comparações um com os outros, tanto no desenho como na pintura, em falar que o seu é mais bonito do que o de seu coleguinha.

A questão central é que precisasse estimular o desenvolvimento da linguagem gráfica na criança, assim como em seu pensamento e a criatividade como uma das muitas formas de expressão e comunicação. O professor como mediador tem que usar da sua prática pedagógica como auxílio para desenvolver diversas formas de produções, usando diversos materiais que instiguem o prazer de manusear/construir algo novo e diferente do que eles estão acostumados a ver e fazer. Seber (1995, p. 780) ressalta que:

Desinibir ou mudar comportamentos infantis com relação às próprias produções é tarefa difícil. Cada caso requer atenção especial. Mas, independentemente das especificidades, o professor precisa ir além do bom senso. É essencial conhecer as características evolutivas do desenho, para que sua interferência seja efetiva e não apenas afetiva.

Todavia, é conhecido que o desenho reproduz as influências mútua sociais em que a criança está acostumada a vivenciar em seu cotidiano, isto é, a maneira de como é ensinada, os subsídios que a levam a produzir seus desenhos, as opiniões sobre a maneira de como desenhar e as mediações que são dadas a ela enquanto sua elaboração. Estando assim, a criança não produz seus desenhos sozinha. Sua capacidade de produzir não depende somente do meio em que está inserida, pelo contrário, sua capacidade vai bem mais além disso, é a partir de suas vivências com o meio e o outro.

4. DADOS COLETADOS ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

A coleta de dados ocorreu em uma sala de aula de uma escola da rede privada de ensino, localizada na cidade de Campina Grande-PB com uma turma de Educação Infantil, na qual trabalhei como auxiliar.

Minha vivência como auxiliar no período de coletas de dados e cotidianamente, constata o quanto é difícil trabalhar com a criatividade da criança de modo que elas possam produzir seus próprios desenhos usando sua criatividade, sua imaginação, sua vivência com os próprios colegas no parque, sobre um desenho animado que assistiu em casa, dentre outras situações, uma vez que o próprio professor(a) não cultiva esse desejo na criança, através das atividades que lhes são propostas na Educação Infantil. Geralmente, o que se trabalha em sala são atividades monótonas, nas quais as crianças exercitam, preponderantemente, a linguagem oral e a escrita deixando de lado suas próprias criações por meio de ilustrações.

4.1 Desenhos prontos para colorir: o que foi observado na pré-escola

O preocupante nas atividades elaboradas pelas professoras na escola onde trabalho é que, tão pouco é explorado a capacidade que as crianças têm de produzirem seus próprios desenhos. Na realidade, as atividades são mais para colorir do que produzir, uma das justificativas usadas é o curto espaço de tempo do cotidiano escolar, recorrendo à desenhos padronizados chegando, a nem sequer, serem pintados justamente pelo tempo ser cronometrado para diversas outras atividades ou porque as próprias crianças não sentem prazer em colorir algo que já vem pronto. Melo (2009, p. 127) assegura que:

[...] as práticas pedagógicas, na educação infantil parecem considerar apenas o tempo referente às atividades planejadas, de cunho didático, que são oferecidas às crianças e o tempo reservado para as famosas “atividades livres”. Neste tempo, os tempos de cada criança passam muitas vezes despercebidos.



O que na verdade é claro, de fato, é o que os próprios pais se preocupam mais com o aprendizado da criança pela leitura e escrita do que pela linguagem gráfica.

A atividade pode até trazer motivação para a criança ou estimular a criatividade pelo uso das diversas cores que ela poderá usar em seu desenho, mas limita a capacidade criadora de expressão de pensamentos, experiências, conhecimentos. A atividade acima foi realizada em sala, depois da professora fazer uma roda de conversa explorando o tema, falando sobre o planetinha, perguntando o que eles estavam vendo, se o planetinha estava feliz...dentre outras coisas. Depois de fazer toda essa conversa, as crianças iam para a mesinha na qual iriam responder a atividade com a mediação da professora, pesquisando em revista e jornais. Em seguida, eles coloriram o desenho livremente, de maneira menos entusiasmada do que quando estão produzindo seus próprios desenhos. Era uma pintura desmotivadora, usando poucas cores, pintando de uma cor só, de forma que não se via que aquela criança com tanto prazer em pintar um desenho pronto.

4.2 Situações da prática pedagógica para exploração do desenho espontâneo: nossa interação com as crianças

A figura 1, a seguir, mostra que Maria Laura ainda não sabe se expressar através da fala seu desenho quando pergunto sobre o que ela fez em seu desenho. Seu desenho ainda não tem esquema corporal. Ele ainda é representado por figura-girino que, no entendimento da criança, aquele desenho representa algo ou alguém. Quando foi pedido para que a desenhasse o carnaval da escola na atividade de classe, a aluna 1 teve uma resistência em não saber o que desenhar, mas, depois que viu seus colegas realizarem esta mesma atividade, ela rapidamente começou a se expressar com um desenho, porém a sua fala diz mais do que mostrado na ilustração (figura 1)

Quando a criança se propõe a explicar o seu desenho, nota-se que há muito mais elementos presentes na fala do que o que está exposto no desenho. Ao falar das várias coisas que desenhou notamos que nada tem semelhança com a ilustração feita na atividade. Luquet (1969 apud Seber 1995, p. 87) esclarece que,

O fator mais importante de modificação das sucessivas representações de um tema ou figura ligasse a conquistas internas. Com o desenvolvimento do pensamento, em geral ocorre à adição progressiva de detalhes cada vez mais numerosos como também a diversificação dos temas.

Isso se explicita no exemplo mostrado na figura 1 “É eu brincando com Heloísa no parque” diz a aluna 1. Com o decorrer do desenvolvimento do pensamento o desenho ganhará formas, traços e detalhes.

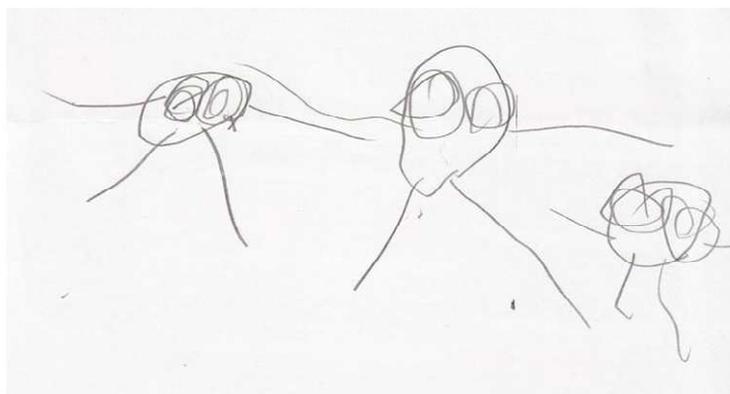


Figura 1: Aluna 1 aos 4 anos de idade - desenho sobre carnaval

Quando percebemos sua evolução descrita como diz Greig (2004, p.38), “com girinos “primitivos”, às vezes difíceis de reconhecer, mas que comportam os três critérios que caracterizam (continentes, irradiantes e com dois olhos), tendo como suporte uma verdadeira figura fechada e não com rabiscos” e isso nos mostra claramente na figura 1.

Em outro dia, depois que terminamos todas as atividades planejadas para aquele dia, perguntei quem queria desenhar e não falei o que, grande maioria das crianças responderam que sim e já foram dizendo o que ia desenhar “Eu vou desenhar um caminhão”, “Eu vou desenhar minha mãe” [...] (fala de crianças) E assim comecei a observar suas produções. Até que em um determinado momento, uma criança se aproximou, e me mostrou seu desenho com uma expressão de que não teria gostado do que desenhara, e logo

perguntei: O que você desenhou? Em seguida, ele deu de ombros e respondeu: Nada! Perguntei novamente de o porquê ter desenhado algo e não dá um nome ao seu desenho e ele não soube me responder.

Essa situação nos remete a Silva, Pereira e Ferreira (1995), quando ressaltam que as crianças podem expressar o desagrado para com seu desenho de diversas maneiras, desde o silêncio a indiferença. “É essencial o professor investigar os motivos subjacentes às reações das crianças. Será em função dessa investigação que ele poderá orientá-las para que, progressivamente, aprendam a enfrentar e a superar os desafios” (SEBER 1995, p. 95).

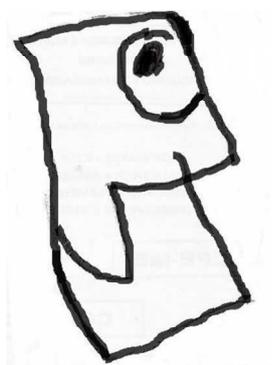


Figura 2: Aluno 2 - 5 anos de idade

Ainda no mesmo dia, outra criança me chamou em sua mesa para me mostrar o desenho que tinha feito. A princípio, ela me perguntou se estava bonito e o que teria achado de seu desenho. Para não me precipitar no que iria dizer achei conveniente perguntar primeiro o que ela tinha desenhado. A criança descreveu o que realmente estava no papel. “Essa maior é você Titia, a menor sou eu”. Continuei perguntando: “E o que estamos fazendo? ” Em seguida, rapidamente me respondeu: “Você está no quadro comigo me ensinado a ler e as cores também, por isso esse monte de letrinhas no quadro e essas cores no quadro! ”. Na figura 3 mostra claramente isso, seu desenho representa sua fala, tudo o que ela falou se relaciona com sua produção no papel.



Figura 3: Aluna 3 - 5 anos de idade - desenho da Tia ensinando a ler

Observe que mesmo sendo um desenho momentâneo (diversão), a criança evolui em sua capacidade representativa em desenhar algo que mais lhe chama atenção e isso pode ser visto pelo professor antes mesmo dela falar o que desenhou. Seber (1995, p. 87) diz que:

À medida que o pensamento evolui, os traçados gráficos se transformam. Com o maior detalhamento, as figuras começam a apresentar semelhança crescente com aquilo que as crianças dizem estar representando. Em outras palavras, as imagens mentais vão se aproximando dos atributos dos objetos que elas representam internamente, o que influencia os traçados gráficos, que também se modificam [...]

Como a produção foi livre, só para saber se realmente iria instigar o desejo de produzir neles, uma criança desenhou algo que me chamou bastante atenção. Passando nas mesinhas, observando as produções, um determinado desenho me fez parar, sentar ao lado da criança e perguntar o que ele estava desenhando.

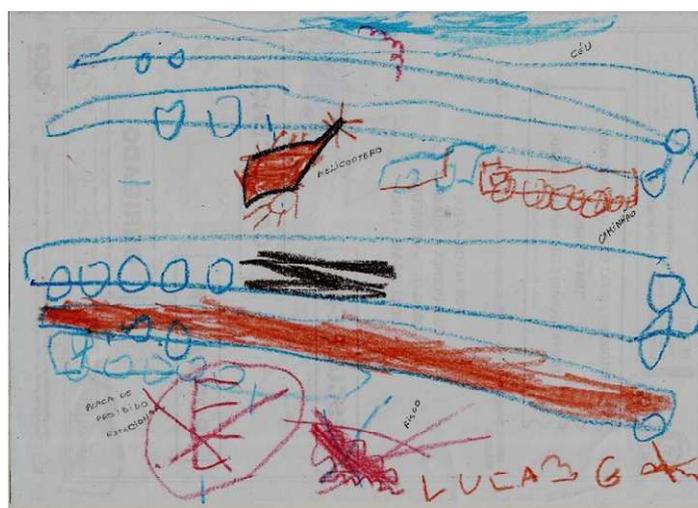


Figura 4, Aluno 4 - aos 4 anos de idade - desenho de meios de transportes.

O aluno 4, sem nenhuma vergonha, me respondeu: “Isso é um helicóptero, o céu, o caminhão e essa cor preta é a cor do caminhão, essa é a placa de proibido estacionar” por curiosidade minha, quis saber: Porque desenhou essa placa? “Porque aí não pode estacionar, Tia! ”.

É impressionante a percepção dele em desenhar algo que foi trabalhado em sala há alguns dias com a temática Meios de Transportes, na qual conversamos sobre meios aéreos, terrestres e aquáticos. Depois, trabalhos com a mesma temática o Trânsito, instigando o que é certo e errado, placas, semáforo, faixa de pedestre, etc. (figura 4). Seber (1995, p. 92) explica que, “o que aparece nos traçados sobre papel depende de avanços ligados ao pensamento, de modo que, quanto maior for a conquista, mais detalhes a criança incluirá, aproximando o que está representando dos dados reais”.

4.3 O projeto centopeia: uma experiência de exploração do desenho por crianças da turma observada

As poucas produções das crianças que aparecem como atividade é apenas nas sextas-feiras quando elas têm o prazer de levarem para casa a sacolinha do Projeto Centopeia⁴. Na sacola, há um livro de história e uma atividade interpretação dessa história, para ser realizada após a leitura, por um adulto. Uma das propostas de atividade é a ilustração dos personagens ou de uma parte da historinha que mais gostou. Percebesse que, essa atividade não é algo tão prazerosa para a criança, uma vez que, nem todas têm a participação assídua neste projeto.

Dessa forma, percebemos que as atividades do projeto limitam a criatividade das crianças porque não proporciona uma interação grupal de maneira igualitária entre todos os participantes, retirando do ambiente escolar o clima agradável, amistoso e interativo que uma atividade de desenho propicia. Isto porque é por meio da interação que a capacidade gráfica da criança é desenvolvida. Segundo Silva, Pereira e Ferreira (2009, p. 111):

⁴ É um projeto criado pela escola com o intuito de instigar na criança o prazer pela leitura e interpretação da história com a família todo final de semana, uma vez que, a criança só leva para casa a sacolinha do projeto, nas sextas-feiras.

[...] é sabido que o desenho reflete as interações sociais em que a criança está inserida, isto é, as instruções, as informações, as opiniões e as preferências que são dadas a ela. Sendo assim, a criança não desenha sozinha. Sua produção não é separada do meio na qual está inserida, ao contrário, constrói-se a partir da sua vivência com o outro. Nesse caso, o processo de criação é resultado de vários fatores, sejam sociais ou culturais, e essas produções são cheias de histórias de vida.

Neste sentido, elas criam e recriam seus desenhos individualmente e também com o intermédio da família, buscando formas significativas de associar sua percepção, a sua imaginação, sua reflexão e sensibilidade ao representar a história, que podem, então, serem adequadas pelas leituras simbólicas da criança e do adulto partindo de um olhar extremamente abrangente em meio às diferentes situações da criança, diz Silva, Pereira e Ferreira (2009, p. 111):

Assim, quanto maior for à diversidade de experiências sociais e culturais da criança, maiores serão as condições de seu potencial criativo, já que existe uma relação entre criatividade e o meio social no qual está inserida.

Atividades como essa deveriam ser exploradas, mais vezes, tanto em sala de aula como também em casa, uma vez que a própria família pudesse incentivar e instigar, na criança, a capacidade gráfica de poder expressar, do seu jeito, o que é proposto pela professora, sem deixar de lado a capacidade de colorir suas próprias criações.



Lembrando que o desenho espontâneo é indicado como forma de despertar a ludicidade, a brincadeira. Ainda é usado como forma de falar, registrar e sinalizar o desenvolvimento da infância, porém, em cada etapa, o desenho apresenta uma característica própria que varia de criança para criança. Segundo Pillar (apud Cardoso, Paiva 2010) afirma que:

[..] a criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais é que definem as suas possibilidades quanto a representação e interpretação do objeto. Assim a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho.

O instigante quando se pede para as próprias crianças desenharem é a alegria delas em falar o que vão colocar no papel e a curiosidade de saber o que seus colegas irão desenhar também. Suas produções são extremamente encantadoras, é impressionante a facilidade que muitos possuem em desenhar coisas que até os próprios adultos não conseguem.

Concluo minha observação com uma visão de que quanto mais exploramos a criatividade da criança como forma de liberdade de expressão e suas produções, mas, ela pode ir muito além do que imaginamos. Embora essas produções tenham sido de maneira em que estivessem num momento livre de suas atividades extraclasse, as crianças conseguiram expressar sua criatividade, seu pensamento, seu desejo de forma que produzir espontaneamente é muito mais prazeroso do que apenas colorir um desenho que já vem proposta na atividade. Isso fica bem claro nas figuras acima e no rosto de cada uma quando estão produzindo suas próprias criações fantásticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo o artigo observando que o desenho é uma ferramenta importante para estimular a criatividade da criança. Quando é oferecido como uma atividade espontânea se torna muito mais prazerosa do que quando são

oferecidos desenhos prontos para apenas colorir como forma de assegurar o cumprimento de uma atividade.

Sabemos que, é através do desenho que ela pode expressar sua criatividade, seu pensamento, de maneira livre e desejada por ela. O desenho tem que ser algo favorecido no convívio social, instigando-a e mostrando-a sempre que a mesma é capaz de fazer suas produções, oferecendo continuamente algo novo para ela por intermédio do professor ou até mesmo por um adulto.

Quanto mais valorizarmos as próprias criações feitas pelas crianças, mas elas irão começar a acreditar em sua capacidade de produção, deixando de lado as fases de rabiscos e garatujas e passando a dar significados claros aos seus desenhos, uma vez que, o professor deve ocupar, neste sentido, o papel de mediador fluente em favorecer o estímulo levando a criança a entender que ela é capaz mais do que ela própria imagina.

Cabe aqui lembrar que o desenho tem que ser inicialmente introduzido na Educação Infantil na medida em que o professor deve começar a utilizar na sua prática, formas para ajudar seu aluno a não só colorir os desenhos pré-estabelecidos por eles nas atividades diárias, mas, a valorizar as criações das crianças como seres pensantes capazes de criar e recriar seus desenhos.

ABSTRACT

This article aims to discuss the design of the child as a language that encourages creativity. In this discussion, our attention is directed to pedagogical practices in preschool, in kindergarten, as an area that should favor the independent and creative use of this language. The design, in addition to representing its graphic language of the child is, for this, a form of communication and the development of thought through their creations themed by their experiences in different social contexts. The practice at school, when related to the use of the child's ability to make their own creations, goes far than we imagine. This concern led us to develop this study. This is a qualitative study, the type of case study, carried out from my own observations, the teacher condition assist in a preschool class, as well as comments on drawings made by the children of this said. These observations consisted of data collection and analysis objects. The research field is a private network of

educational institution, located in Campina Grande - PB. The subjects involved children aged 4 and 5 years old and two teachers. We seek backrests in studies by Greig (2004), Ludke (1986), Melo, Brandão and Mota (2009) and Seber (1995), among others. The study shows that the design enables the acquisition of graphic language, and the development of children's thinking, facts, which alone would justify a job that contemplates the various facets of the issue. Finally, we conclude how important the development of teaching practices that enable the creation and imagination of the child, which in the case of work with the design activities proposed to them are not limited to illustration to color. The use of various techniques to motivate the children's creativity, of spontaneous and playful way is important.

Keywords: Design. Creativity. Child. Child education.

6. REFERÊNCIAS

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**/ Philippe Greig; trad. Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed, 2004

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**/Menga Ludke, Marli E. D. A. André. – São Paulo: EPU, 1986

MELLO, Glória Maria Leitão de Souza. BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. MOTA, Marinalva da Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 142 p. il.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza. **As atividades das crianças na prática pedagógica da educação infantil**. In: MELO, Glória Maria Leitão de Souza. BRANDÃO, Soraya Maria de Almeida. MOTA, Marinalva da Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 142 p. il.

SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré-escolar: uma visão construtivista**. São Paulo: Moderna, 1995.

SILVA, Márcia Adriana da. PERREIRA, Silvana Cunha. FERREIRA, Dias Tatiana. **O desenho na escola: motivando a criatividade infantil**. In MELO, Glória Maria Leitão de Souza. BRANDÃO, Soraya Maria de Almeida. MOTA, Marinalva da Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 142 p. il.